

Porto-alegre: aspectos da sua forma urbana, do território às casas

SÍLVIA RAMOS
JOÃO LUÍS MARQUES

O objeto central deste artigo é a estrutura formal de Portalegre e o objetivo principal trazer luz ao seu conhecimento contemporâneo, procurando perceber o lugar que conquista, ao longo do tempo, no Alto Alentejo. Estudámos Portalegre do ponto de vista do arquiteto, tendo a viagem ao lugar como princípio e o desenho como instrumento privilegiado de decifração, com enquadramento numa dinâmica de pesquisa mais abrangente. No tempo e no espaço que cabem a este artigo, interessou-nos o conjunto de elementos de carácter persistente que geram a estrutura formal de Portalegre e determinam a sua identidade: entre a serra e a planície; da defesa natural aos baluartes modernos; as igrejas e as fábricas; as ruas e as casas. Privilegiamos fontes primárias, mais ou menos conhecidas, iconográficas e textuais, considerando também trabalhos monográficos publicados¹, e propomos investigá-los pela Arquitetura.

A documentação, escrita e desenhada, recolhida é particularmente rica a partir do século XVII. Pontualmente, é possível recuar a Portalegre do século XIV, a partir da interpretação de documentos administrativos referentes a assuntos vários. Continua por conhecer a primeira carta de foral que lhe foi atribuída e que, eventualmente, poderia informar sobre a dinâmica urbana da vila em meados do século XII. Melhor conheceríamos a circunstância do século XVI se Duarte D'Armas tivesse visitado e desenhado Portalegre, ausência até certo ponto colmatada pela representação que integra o álbum de vistas urbanas do final do século XVII, alvo de estudo e de divulgação recente². Também a fotografia, desde o final do século XIX, documenta de forma incontornável as transformações do espaço urbano.

Relativamente às fontes do século XX, importa manifestar o interesse e a urgência da salvaguarda e do estudo da documentação municipal relativa a projetos e a obras, que contribuem para caracterizar a forma e a vida de Portalegre, cruzando a investigação académica multidisciplinar com as práticas de arquitetura e de urbanismo.

Entre a serra e a planície

Imediatamente a sul e contra o Tejo, várias cadeias de serras paralelas desenham, sobre uma superfície com mais de 30 quilómetros de extensão e de 10 quilómetros de profundidade, uma cordilheira que, ou se contorna, ou se atravessa em portelas localizadas. Portalegre implanta-se sobre a face poente desta cordilheira, no lugar circuitado pelas serras de São Mamede, de Portalegre e da Penha e aberto, por sul, à planície.

Nesta unidade de paisagem, atravessada pela ribeira da Lixosa, o núcleo urbano ocupa o sítio mais ameno. Constrói-se sobre a escarpa, que, no sopé da serra, ondula a acompanhar o seu desenvolvimento longitudinal e a conformar pequenos sítios debruçados e outeiros. Eleva-se a meia encosta, no ponto de maior desafogo da sua superfície, de relevo irregular e de pontuais afloramentos rochosos, tendo a serra da Penha como pontuação do seu pano de fundo (fig. 1).

Olhando (...) *para o alto e para o longe* (...) ³ em todas as direções à exceção do sul, a paisagem serana, singular na circunstância alentejana, domina

Porto-alegre: aspectos da sua forma urbana, do território às casas

O objeto central deste artigo é a estrutura formal de Portalegre e o objetivo principal perceber o lugar que conquista, ao longo do tempo, no Alto Alentejo. Estudámos Portalegre do ponto de vista do arquiteto, tendo a viagem ao lugar como princípio e o desenho como instrumento privilegiado de decifração, com enquadramento numa dinâmica de pesquisa mais abrangente. No tempo e no espaço que cabem a este artigo, interessou-nos o conjunto de elementos persistentes que geram a estrutura formal de Portalegre e determinam a sua identidade: entre a serra e a planície; da defesa natural aos baluartes modernos; as igrejas e as fábricas; as ruas e as casas.



Portalegre. A serra é abundante em água e, conseqüentemente, a unidade de paisagem em que Portalegre se inclui é dotada de especiais condições de fertilidade. A primeira descrição sensível da paisagem de Portalegre é publicada, em língua vulgar, na segunda edição “revista e acrescentada” dos *Diálogos de Dom Frei Amador de Arrais* (1604)⁴, onde *Portalegre* sucede a (...) *algumas maravilhosas obras da natureza* (...), com a serra do mesmo nome dita (...) *uma das melhores da Lusitânia do seu tamanho* (...), nomeadamente pela riqueza do seu revestimento vegetal: a (...) *fresquidão do arvoredo* (...), os (...) *sombrios soutos, pomares, vinhas, olivais* (...) e os (...) *muitos castanheiros e outras árvores* (...), de que (...) *se corta madeira* (...)⁵. Segue-se ao registo do bispo, o do padre Diogo Pereira de Sotto Maior, no *Tratado da Cidade de Portalegre* (1619), relatando que D. Manuel I, em visita com o primeiro conde de Portalegre, vendo (...) *tão boa cortiçada* (...) a manterá no domínio régio⁶.

Portalegre deveria ser assim já no século XIII, aquando da consolidação do reino de Portugal, e eventualmente até aquando da sua origem romana, o que Arrais e Sotto Maior se esforçam por mostrar ser verosímil. Continua a sê-lo, mesmo quando intersectam o arvoredo da mata selvagem herdades, tapadas e quintas de produção agrícola — como a de Almojanda, a dos Cantarinhos, com “casa forte” dos séculos XV-XVI —, e de recreio — como a da Lameira, do século XVIII. Provam-no, em Setecentos, a notícia do reconhecimento da especial qualidade da madeira de Portalegre para a construção, por todo o Alentejo e, inclusivamente, na capital do reino⁷; e, no início da centúria seguinte, em 1801, o conjunto de desenhos⁸ que considera o entorno natural do núcleo urbano (fig. 2).

A serra favorece o abastecimento de água a Portalegre, que investe na construção e progressiva modernização de um sistema hidráulico, qualificando de modo especial a cidade, tornando-a particularmente afável. Do século XIV chega a notícia de fontes, chafarizes, banhos e poços (particulares e públicos)⁹.

Em 1619, Sotto Maior descreve a captação de (...) *uma corrente de água* (...) no alto da serra, a sua condução ao núcleo urbano por (...) *aqueduos muito bem lavrados* (...) e a sua distribuição, em anéis e penas, através de arcas, às muitas fontes, destacando-se (...) *no meio da cidade* (...) a (...) *muito formosa e feita com muita curiosidade* (...) fonte (...) *de pedra mármore* (...)¹⁰. Provavelmente terá pontuado este largo à ilharga da Rua da Carreira, junto à antiga Igreja de Santa Madalena, a fonte filipina de oito (...) *caños, que continuamente brotã liquidos cristales de duleces aguas* (...)¹¹, a que se associa o tanque em frente à Casa dos Melo, ambos registados em 1801.

O sistema persiste em funcionamento: em 1772, um cano traz, do Boi d’Água ao núcleo urbano, água captada em diferentes nascentes¹², e, em 1801, é registado (...) *nascimento de las agoas de la ciudad* (...) na serra¹³. Os registos fotográficos, do final do século XIX e do início de XX, documentam fontes, tanques e arcas de água distribuídas pela cidade¹⁴. Desconhece-se, porém, a data e as circunstâncias associadas à construção deste sistema, contudo não será de estranhar que remonte ao final do século XV, ou ao seguinte, e que se associe ao renovado investimento do poder régio nos modernos sistemas de abastecimento de água às cidades portuguesas. Atente-se à toponímia¹⁵, com a antiga Rua do Cano (atual Cândido dos Reis) alinhada entre o Convento de São Francisco e o burgo medieval.

Junto à Ermida do Espírito Santo, o lago do Rossio aproveita uma importante confluência de linhas de água. É representado na extremidade da gravura de Portalegre reunida em [*Praças fortes em Portugal*], (c.1680-1690)¹⁶. Em 1772, aquando da adaptação ao uso manufatureiro-industrial do Colégio Jesuíta de São Sebastião¹⁷, é projeto (...) *levantar 25 palmos* (...)¹⁸ o lago, no nosso entender, preexistente. Nos desenhos, o lago toma a forma de um quadrado com cerca de 10 braças de lado (22 metros), incluindo bordadura — próximo da dimensão do claustro e cisterna da sé (iniciados em 1726). Em 1922, o lago do Rossio serve

1 | Unidade de Paisagem da serra de São Mamede, vista de Portalegre para a Penha, fotografia de Bartholomeu Guerra Conde, c. 1914.

2 | Plano Croquis de la Ciudad de Portalegre, planta atribuída a Antonio Bentura Bocasso (?), 1801.



como piscina pública, durante a noite, desde que não exista luar¹⁹, e sete anos mais tarde é representado já coberto. A cisterna não é considerada nos projetos de urbanização²⁰ e nos de equipamentos públicos dos anos de 1940 e 1950, durante o Estado Novo. Porém, o tema da água é explorado nos projetos para o Rossio²¹, da cascata do Passeio Público aos lagos do Tarro e do Jardim da Corredoura.

Lagos semelhantes, em posição, forma e dimensão, identificam-se, por exemplo, em Estremoz, o Lago do Gadanho, do século XVII, e em Évora, no rossio da Ermida de São Brás, recentemente revelado em trabalhos arqueológicos²². Espaçadas entre si no tempo, a pintura de Portalegre exposta na Casa-Museu José Régio²³ e a iluminura do foral de Évora, sublinham ambas a importância e a

3 | Vista de Portalegre tomada de norte, pintura de autor desconhecido, s. d.



dignidade que estes lagos conferem aos espaços extramuros, nomeadamente ao Rossio de Portalegre, onde a cidade vai espalhar-se e festejar, desde o século XVII²⁴, e, a partir do seguinte, fazer feira franca²⁵ (fig. 3).

Completa a descrição de Arrais a referência à (...) *suavidade dos ares aprazíveis* (...) de Portalegre, (...) *que correndo entre flores e ervas cheirosas sopram muito suavemente ruído músico* (...) ²⁶. Os passeios, da cidade à serra, são relatados na revista *O Occidente*²⁷ no século XIX, a par da melhoria dos acessos rodoviários e ferroviários. O século XX vincula Portalegre às curas de ares e ao repouso. Em 1907, é inaugurado o Sanatório de Portalegre, projetado pelo arquiteto Raul Lino, para o lugar de São Pedro, e, em 1912, ganha força o investimento privado na urbanização da serra, com a Quinta da Saúde a registar no nome a qualidade sadia do lugar. A “volta à serra” é um circuito de passeio clássico²⁸, que percorre as quintas já referidas, as casas (...) *construídas com bom gosto* (...), as arquiteturas de exceção — como o Atalaião, São Cristóvão ou o Clube de Tiro do Clube de Ténis/Discoteca Infinito (1972) —, as fontes e os miradouros, que, da mata circundante, permitem a aproximação visual e a contemplação da cidade — o Miradouro da Serra (1938) e a Fonte dos Amores (1954).

Da defesa natural aos baluartes modernos

De difícil transposição, a cordilheira que recebe Portalegre é fronteira natural entre Portugal e Espanha.

Com o fim de conferir consistência a este ponto da raia seca²⁹, a partir de meados do século XIII reestruturam-se três vilas em pontos extremos da cordilheira, a partir das quais se domina toda a campanha e se perscruta Espanha, nomeadamente Albuquerque e Valência de Alcântara: Castelo de Vide, a norte; Alegrete, a sul; e Marvão, avançado para nascente.

Portalegre, protegida e dominada pela serra, é vila em 1229 e concelho, com termo desmembrado do de Marvão, em 1253, na retaguarda e a distância equivalente daquelas três povoações serranas. Nesta situação, mais do que dificultar a transposição da fronteira³⁰, representa Portugal na passagem das serras à planície; e no eixo de Lisboa a Valência de Alcântara³¹. Em ambos os casos, é porto de abrigo, termo ou início de uma viagem feliz pelas fragas das serras.

À defesa natural de Portalegre, soma-se a escarpa que lhe dificulta o acesso por sul e por poente. A tirar partido das suas circunstâncias topográficas, é construído o castelo, que identificamos referido em carta do bispo da Guarda de 1304³². Este documento, contemporâneo do reinado de D. Dinis, nada diz sobre a intervenção do monarca no castelo, depois de resolvida a disputa régia da vila de Portalegre com o infante D. Afonso, seu irmão, a quem havia sido doada. Exige-se aguardar cerca de um século para além da morte do rei, para que Portalegre integre a lista de fortificações em que empreendeu obras, exarada na *Crónica de 1419*³³.

O castelo é composto pelo recinto da alcáçova e pelo perímetro muralhado da vila, logo seguido pela cerca do arrabalde da Devesa. A alcáçova é construída aproveitando uma das elevações da superfície no alto da escarpa, que só no século XX passou a ser atravessado por um arruamento³⁴. Mune-se de pano de muralha, com adarve e três torres. Duas são adossadas à face exterior da muralha e uma, a nascente, é independente. A última, apresenta uma altura intermédia no trio e partilha com a torre mais alta a cobertura especial do último nível.—Nesta, de maior dimensão, atente-se à abóbada reformada no século XVI. Parece possível admitir que se articulasse com a alcáçova através de passadiço elevado, como a do vizinho Castelo de Albuquerque. Em Portalegre, esta torre possui hoje dois vãos, um dos quais se encontra entaipado no alinhamento da antiga Rua do Cano (fig. 4).

O documento de 1304 faz referência ao (...) *fosso do castelo* (...) e ao (...) *fosso da alcáçova* (...) aparentemente coincidentes e ainda hoje passíveis de reconhecimento pela morfologia do parcelamento em torno do castelo.

As portas associadas ao perímetro muralhado da vila — da Devesa, de Santiago, da Alcáçova (nas imediações da Rua de Besteiros e aparentemente coincidente com a saída para Alegrete) e de Elvas —, sugerem a coincidência com o que hoje conhecemos. A muralha da vila apresenta a forma geométrica de um óvulo, contendo os altos do castelo e da igreja sua padroeira, e um único eixo de simetria, a vincar a sua dicotomia e a apontar o sentido mais favorável à expansão urbana.

A abertura na muralha a norte designa-se da Devesa, a sugerir, extramuros, um lugar cercado, eventualmente arborizado. Nas cartografias de Portalegre dos séculos XVII ao XIX, a cerca do arrabalde da Devesa traça-se, pelo Espírito Santo, a aproximadamente 440 metros da muralha da cidade, resguardando uma superfície que lhe é equivalente. O bispo da Guarda designa os vãos da muralha associados aos topónimos Devesa e Alcáçova com a palavra *portam*, diferente das que indexa aos demais — *portal* e *postigo* —, apontando a condição de defesa reforçada de ambas, enquadradas em/por torreões avançados (um ou dois emparelhados).

Somam-se a este conjunto de elementos de defesa de Portalegre, as torres, de forma quadrangular adossadas à muralha, e a barbacã que, no seu exterior, conforma uma segunda cerca completa, paralela. Em 1652, no *Agiologio Lusitano*, lê-se: Portalegre (...) *He murada a duas cercas, fortes, & alatas, com 11 torres em igual distância, capazes de artilharia, obra del Rei D. Dinyz. Tem por Armas duas Torres, polas duas que estão em confrontação à porta que chamão da Devesa* (...) ³⁵. Esta imagem da porta, gravada em lápide de mármore de proveniência desconhecida, representa a cidade a partir de 1590³⁶, sendo reinterpretada e perpetuada, na heráldica municipal atual.

Em 1661, preparando-se a fase final da Guerra da Restauração, o conde de Atouguia — governador da

4 | Portalegre, castelo, vendo-se os jardins do Palácio Barahona, alcáçova, antiga Rua do Cano e Ermida de São Cristóvão, fotografia de autor desconhecido, 1948.



provincia do Alentejo — apresenta a D. Afonso VI, um projeto, de (...) *limitada despesa* (...) e (...) *rápida execução* (...) para o reforço da defesa de Portalegre e dos (...) *largos arrabaldes* (...), que, sendo em extensão (...) *quase iguais* (...) à cidade, são inviáveis abarcar com (...) *fortificação real* (...) ³⁷. O projeto preconiza três ações: desimpedir os muros de construção privada (edifícios e jardins dos séculos XV e XVI); transformar a fortificação medieval numa moderna fortificação abaluartada; e militarizar o território.

Um ano após a redação da carta, o engenheiro militar Luís Serrão Pimentel visita a praça de Portalegre, (...) *dando ordem* (...) *aos engenheiros do que se havia de fazer e emendar* (...) ³⁸.

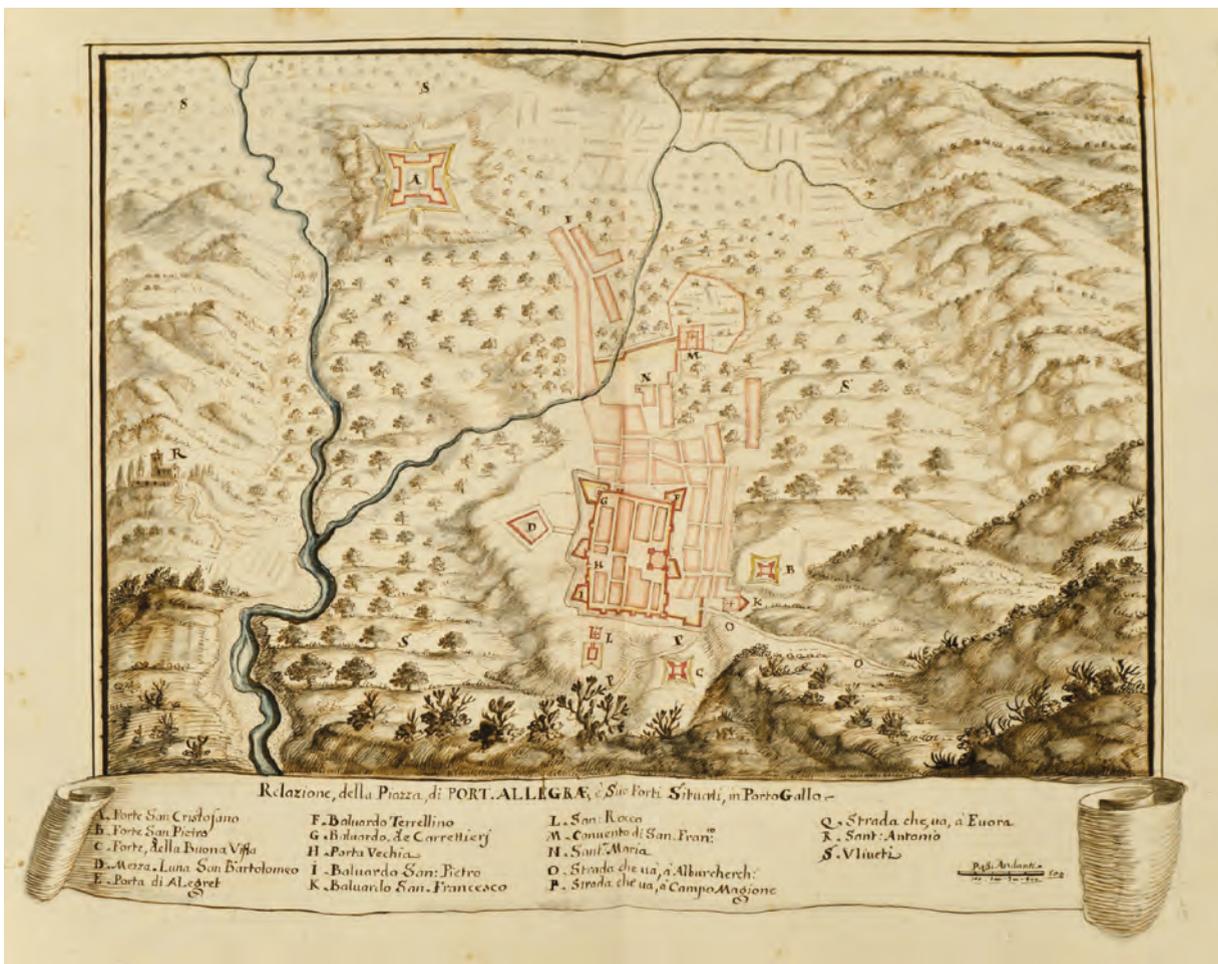
As obras projetadas figuram em cartografia espanhola de autoria conhecida: Lorenzo Possi — engenheiro militar italiano ao serviço de Espanha — representa Portalegre em 1668 e revê a representação quando a integra no atlas oferecido ao herdeiro do Grão-Ducado da Toscana, Cósimo III, sob o título *Piante d'Estremadura, e di Catalogna* (1687) ³⁹ (fig. 5). Filippo Pallotta e Nicolás de Fer — arquiteto italiano e geógrafo/cartógrafo francês, respetivamente — representam-na em *Portalegre sitiada e rendida...*, em 1704 ⁴⁰, integrada num conjunto de célebres gravuras que propagandeavam as vitórias de Filipe V. Aí encontramos a cópia reenquadrada da cidade que já tinha circulação anterior, nomeadamente em [*Praças Fortes em Portugal*] (c. 1680-1690) ⁴¹ (fig. 6).

Os desenhos aproximam-se na escala e na conjugação da representação em planta e em perspetiva (com distintos pontos de vista: Possi, de sul para norte; Pallotta e Fer, de nascente para poente) para dar a ver a topografia e a paisagem do território de Portalegre.

Distanciam-se no enquadramento e na forma geral do circuito de muralhas e do tecido urbano, dentro e fora de muros. Justificam as diferenças, com certeza, os objetivos da representação e as circunstâncias e estratégias de levantamento em momento de exploração do terreno e do inimigo. Assim, por exemplo, se em Possi, os elementos do sistema defensivo moderno se implantam sobre um abstrato circuito de muralhas de forma retangular, tendo como referência os quadrantes solares e segundo os princípios da tratadística militar, em Pallotta e Fer, a fortificação moderna é representada sobre um circuito de muralhas de forma circular, mais coincidente com a realidade, mas menos cuidadoso na representação dos elementos defensivos à luz da tratadística. Esta última representação lembra o modelo associado a Portalegre em *Portugalliae meridionales plagae...* (c.170?) , um polígono estrelado, de oito pontas, rodeado por fosso, imaginado na vista que integra *Le Royaume de Portugal et partie d'Espagne* (1704) ⁴².

A obra de reforço do sistema defensivo de Portalegre ⁴³ inclui, adjacentes à barbacã e no alinhamento das torres da muralha preexistentes, o projeto de três baluartes do tipo ponta de flecha e de dois corpos avançados, um associado à torre destacada do castelo, e outro ao paço episcopal, junto à sé.

Extramuros e para além da Devesa, sobre a escarpa planeiam-se os fortes de Santa Ana, à Boavista, e de São Pedro, e a meia-lua de São Bartolomeu, associado ao corpo avançado do Palácio Amarelo (fig. 7). Mais distante, idealiza-se o Forte do Bonfim, representado na cartografia e irreconhecível atualmente. Na serra projeta-se um reduto e fortifica-se São Cristóvão, do qual, para além de Portalegre, se avistam num raio de muitas léguas, várias povoações da raia.



5 | Portallegra, planta desenhada por Lorenzo Possi, in *Piante d'Estremadura e di Catalogna*, 1687.



6 | Portallegra sitiada y rendida (...) 1704, planta desenhada por Filippo Pallotta e Nicolás de Fer, c. 1715.



7 | Portalegre, baluarte, vendo-se o jardim do Palácio Amarelo e a antiga fábrica de lanifícios, fotografia de autor desconhecido, primeiro quartel do século XX.

Integra o moderno sistema defensivo a militarização do arrabalde nascente da cidade, com a antiga torre do Atalaião e as trincheiras, entre a Porta de Santiago, o Forte de São Cristóvão e o sítio da Boavista, onde já existiam em 1646⁴⁴, dando nota da preparação militar de Portalegre, anterior ao projeto do conde de Atouguia e à visita de Serrão Pimentel.

No início do século XIX, aquando do episódio da Guerra das Laranjas, um conjunto de relatórios e de desenhos, como o *Plano Croquis de la Ciudad de Portalegre* (1801)⁴⁵, descreve a situação militar de Portalegre no território e o estado de conservação do seu sistema defensivo. Nesta documentação lê-se que a torre do Atalaião está arruinada, que as muralhas são antigas e que os fortes e as trincheiras se encontram mal conservados, o que é atribuído ao facto de a sua construção ser em terra, apenas com pontuais revestimentos em alvenaria de tijolo.

O *Plano de la Ciudad e inmediaciones de Portoalegre* (1801)⁴⁶ é aparentemente omissivo na representação das trincheiras e da meia-lua, guardadas na topografia e na morfologia do cadastro, e sublinhadas por ações recentes. Esta é a primeira representação com rigor geométrico da cidade e da serra, com as vias de comunicação, a rede de espaços públicos, os pontos e as linhas de água à superfície, as diferentes coberturas do solo (áreas de cultivo/ajardinadas, espaços públicos) e os quarteirões edificados dos quais é destacado o património religioso. O detalhe desta planta é apenas suplantado pela *Planta da Cidade de Portalegre* (1929), desenhada por António Bacha e Mello⁴⁷, à escala 1:1000 metros, que inclui o loteamento, a por menorização de coberturas e dos logradouros.

As igrejas e as fábricas

É na sequência do cerco à cidade que encontramos as primeiras referências à organização religiosa do burgo medieval. Em 1299, D. Dinis atribua às igrejas às ordens militares de Avis, de Santiago e do Hospital, pelo apoio prestado.

A carta do bispo de Guarda, de 1304, estabelece a delimitação das nove paróquias⁴⁸, colocando à cabeça a de Santa Maria de Portalegre, a do Castelo, a que se seguia a de Santa Maria a Grande. Ambas disputariam a localização da sé, aquando da elevação a sede de bispado, na era de D. João III. Desta descrição, nada se conclui sobre a construção das igrejas, sedes de paróquia, sucessivamente transformadas ou desaparecidas ao longo do tempo em prol do espaço público, nomeadamente, as de Santa Maria Madalena e de São Martinho. Note-se, igualmente, a ausência da referência à comuna judaica da cidade⁴⁹, já existente no período medieval, ou mesmo à mouraria⁵⁰, que enriqueciam o quadro multiconfessional da vida urbana medieval.

A presença de conventos e de institutos religiosos marca a expansão urbana. Contrariando a tendência da implantação mendicante, o Convento de São Francisco, o primeiro de Portalegre, implanta-se à cota alta, a nascente da vila, voltado à porta de Alegrete, com a igreja canonicamente orientada⁵¹. Construído sob patrocínio de D. Afonso III e continuado por D. Dinis, o convento pontua a extremidade nascente do Corro, em posição altaneira. Junto se instala um (...) *hospital para o auxílio dos pobres e salvação das nossas almas* (...) ⁵², conforme fizeram gravar os instituidores, que confiam aos frades o zelo, em 1312. A dimensão de serviço estende-se ao fornecimento de água a (...) *todo o arrabalde e parte da cidade* (...) ⁵³, conforme escreveu Sotto Maior enaltecendo as propriedades medicinais da água da fonte dos frades. A humildade e a pobreza, associadas inicialmente a este lugar, transformam-se no século XVIII, com o Recolhimento de São Brás e os faustosos palácios localizados onde terá tido morada Iria Gonçalves, mãe do Condestável (filho do Prior do Crato), no século XIV.

A cerca do convento estender-se-ia para nascente, onde se instala, no século XIX, a corticeira Robinson⁵⁴, fundada por ingleses evangélicos⁵⁵. A nova fábrica transforma a dinâmica socio-religiosa e o perfil da cidade, que passa a ser marcada pelas altas chaminés das construções fabris e habitações operárias (fig. 8), tendo sido as primeiras reprogramada por Eduardo Souto Moura com a colaboração de Graça Correia.

Em 1376, a pedido de duas nobres senhoras, é fundado o Convento de Santa Clara, nos outrora paços e banhos de D. Fernando⁵⁶. Ainda que profundamente alterado, o conjunto conserva o claustro e a torre sobrepostos a um cadastro anterior, legível no levantamento arquitetónico.

Os Franciscanos no arrabalde e as Clarissas no interior da vila beneficiam da proteção régia e de exclusividade até ao tempo de D. Jorge de Melo. Se o convento masculino goza de franca relação com o espaço vazio fronteiro, o feminino, de clausura, abre-se no alto da sua torre à paisagem, com janelões e mirante fenestrado.

O Convento de Santo António, iniciado em torno de 1570, equaciona uma nova posição urbana, no alto e à distância, vendo e sendo visto pela cidade. Note-se



8 | Portalegre, antigo Convento de São Francisco, vendo-se a Fábrica Robinson e quartel da infantaria, Ermida de São Cristóvão, fotografia de Paino Perez, 1888.

o alinhamento da antiga Rua Direita com o conjunto conventual.

Iam-se espelhando assim, no tempo, os diferentes entendimentos sobre o lugar dos vários ramos da ordem franciscana na cidade, a que se juntariam outras, respeitando um princípio de medida entre elas⁵⁷ (fig. 9).

Fora da cidade, a radical experiência eremítica dá lugar a assentamentos, alguns intermitentes. Em Vale de Flores, junto à ribeira de Nisa, está documentada, anterior ao terceiro quartel do século XIV, a presença da (...) *jda pobre* (...) ⁵⁸. No século XVI, com D. Jorge de Melo — (...) *egitaniense* (...) *homem de não boa vida e muito desobediente ás cousas de Roma, e além d'isto anda ausente da côrte* (...) ⁵⁹ — chegariam as freiras cistercienses para as quais renovou o complexo de que hoje ainda se reconhecem ruínas.

Trocaria a *Província de São Brás* por lugar (...) *melhor e mais acomodado* (...) ⁶⁰ no Rossio, à Corredoura de Cima, patrocinando a construção do (...) *templo e sumptosas casas* (...) ⁶¹ no lugar de Fontedeira, a 880 metros a norte de São Francisco. Das cercas monásticas e conventuais, a de São Bernardo, cuidadosamente representada em 1801, conserva ainda hoje alguma legibilidade. Ainda que a expressão barroca das fachadas vinque a imagem do mosteiro ao século XVIII, relevamos o significado desta obra de D. Jorge de Melo. Afastado da Abadia de Alcobaça, feito bispo da Guarda e morador em Portalegre, fez-se aí sepultar em majestoso retábulo-sepulcro⁶², porventura pouco canónico, mas de inegável valor artístico, exemplo do Renascimento que na década de 1540 se fazia anunciar, ainda antes da elevação da vila a cidade.

A Igreja da Misericórdia⁶³ surge em torno de 1501 e é reedificada no lugar da antiga igreja medieval de São João Batista, ao longo daquele século, tirando partido da posição de gaveto em plano inclinado, junto às ruas dos Açougues e da Cadeia, para as quais os portais laterais renascentistas abrem. Nas proximidades,

instala-se a albergaria que cedo seria transferida e associada à do Espírito Santo, no Rossio, que, por aqueles anos, veria a ermida remodelada. O Hospital da Misericórdia hoje ali existente é resultado de transformações sucessivas, em particular sob mecenato de D. José Valério da Cruz nos séculos XVIII e XIX, em que viu o redesenho das fachadas com os corpos alçados de dois para três pisos⁶⁴ e rematados por notável cimalha em trabalho de massa pontuada por fogaréus, dotando-o de valor singular e excecional na cidade.

Com a elevação a sede episcopal, em 1549, no âmbito da reforma joanina que criara também as novas dioceses de Miranda (1522), de Leiria (1545) e, no espaço ultramarino, de Goa (1533) e de Angra (1534), dão-se significativas transformações no espaço urbano, à data, consolidado. A sé, da nova circunscrição eclesiástica que fundiu territórios das dioceses da Guarda e de Évora, seria erguida no local da antiga Igreja de Santa Maria do Castelo. A sua edificação reconfigura o núcleo urbano, criando o contraponto concorrente ao castelo (fig. 10).

A posição altaneira e o vazio fronteiro conquistado pela compra de casas a nobres, criam um amplo espaço de acolhimento ao moderno templo *Hallenkirche*. A sé, com três naves à mesma altura⁶⁵, inclui capelas intercomunicantes, com notáveis retábulos maneiristas, no alinhamento das torres quadradas que avançam sobre o plano da fachada, desenhando um pequeno adro lajeado gradeado, cujas portas (...) *ficam com o andar da praça que não faz pequena magestade* (...) ⁶⁶. A praça toma a forma de quadrilátero irregular, que rebate, a céu aberto, a área do corpo da sé, cuja fachada sofre atualizações de gosto barroco, que não apagam, porém, a força da volumetria chã que domina o espaço público. A centralidade da sé e a teia de relações com os demais edifícios religiosos são reforçadas pelas procissões descritas nas *Constituições Sinodais* (1632), ordenadas pelo bispo frei Lopo de Sequeira Pereira.

Plano de la Ciudad, é inmediaciones de Portalegre.

Levantado por los Ayudantes de Inge-
niero D.^{no} Felipe Montes, D.^{no} Felipe de
la Torre, D.^{no} Alexandro Pastor, y D.^{no}
Juan Sociats de Orden del Mariscal de
Campo é Ingeniero Director D.^{no} Antonio Murtada.

Explicacion.

1. Plaza principal.
2. Iglesia Cathedral.
3. Palacio del Obispo.
4. Puerta del Obispo.
5. Parroquia de la Misericordia.
6. Carcel.
7. In Capilla.
8. Parroquia de S.^{ta} Maria Magdalena.
9. Oira de Santiago.
10. Caserillo antiguo con tres torres.
11. Convento de Truller Agustinas.
12. Puerta de Algrete.
13. Plaza del Corro.
14. Convento de S.^{to} Francisco.
15. Idiaz de S.^{to} Blas.
16. Puerta de Levato.
17. Convento de Monje de S.^{ta} Clara.
18. Puerta de Elm.
19. Puerta Salva.
20. Puerta del Fortigo.
21. Puerta de Doren.
22. Parroquia de S.^{to} Martin.
23. Oira de S.^{to} Lorenzo.
24. Capilla de S.^{to} Matheo.
25. Fabrica de Paños de un particular.
26. Convento de Monje de S.^{to} Bernando.
27. Orermita del Calvario.
28. Orermita del Espiritu Santo y Hospital
de la Misericordia.
29. Capilla de S.^{to} Andre.
30. Convento de Truller de calzar del Obis.
31. Orermita y Fuente de S.^{to} Critomat.
32. Puerte de Buena Vista.
33. Puerte de S.^{to} Pedro.
34. Capilla del S.^{to} del Buen Fin.
35. Orermita de S.^{to} de la Pena.



El Muro, que circuye a la Ciudad es de Mamposteria armada,
y de la misma calidad son los Fuertes. Las alturas llamadas de
Cabeza de Moro, y la Sierra de Portalegre son de terreno bastante
quebrado, y estan cubiertas, la primera de un corto numero de Enci-
nas, y la segunda de Cartanales en abundancia, y una gran
porcion de viñas, y algunos Olivares. Todo el demas terreno es
muy quebrado, é el antecedente, y está cubierto de Olivares, y
viveros, como manifiesta el Plano, a excepcion de la altura
de S.^{to} Jome, q.^{ue} es de bastante elevacion, y de poca campina,
y tanto en ésta altura, como en el demas terreno, no se encuen-
tra sembrado alguno, pua los Olivares cubren los pechos, é ai.

Portalegre 2 de Octubre de 1801.

Felipe Montes

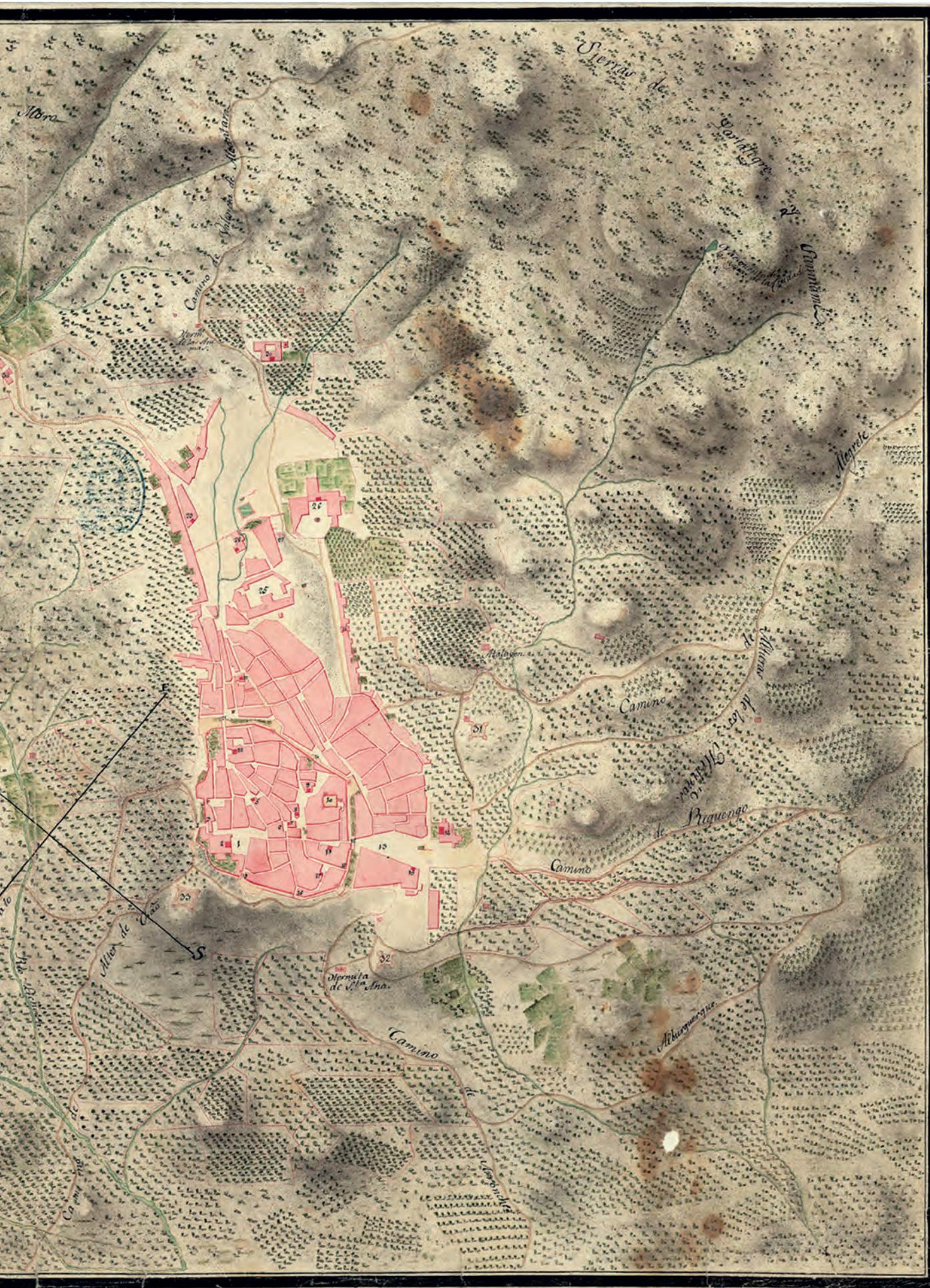
Felipe de la Torre

Alexandro Pastor

Juan Sociats

Escala de 1000 varas Castellanas.





9 | Plano de la Ciudad e inmediaciones de Portalegre, planta desenhada pelo engenheiro Felipe Montes et al., 1801.

10 | Portalegre, vista da cidade tomada de São Cristóvão, vendo-se a arca d'água, antiga Rua do Cano, castelo e a sé, fotografia atribuída a José Augusto da Cunha Moraes (?), depois de 1888.



Na sua execução, o plano em torno da catedral foi sucessivamente ampliado, qualificado e ajustado à disponibilidade económica e ao gosto do tempo⁶⁷, dando continuidade à iniciativa dos primeiros bispos, homens letrados do Renascimento e no espírito da Contra-Reforma⁶⁸. Assim, são construídos, a sul, os claustros e o celeiro da mitra e, a norte, o paço episcopal e o seminário.

A importância religiosa da nova cidade afirma-se pela presença das diferentes ordens religiosas. Em 1553, o primeiro bispo de Portalegre, D. Julião de Alva, escreve a Inácio de Loyola pedindo um colégio da Companhia de Jesus. D. Diogo Correia cede, em 1604, a Igreja de Santa Maria Grande para a sua instalação. A solução é contestada e o novo colégio e a sua igreja são erguidos no local da antiga Ermida de São Sebastião, à Corredoura de Baixo, a partir de 1678. Não limitado às condicionantes do velho casco

medieval, o colégio feito ao *modo nostro* jesuíta⁶⁹, permitiu uma grande cerca que incluía pomar de espinho, latadas e tanques, bem como potenciou a consolidação urbana à cota baixa da cidade. Em 1772, o colégio acolhe a Real Fábrica de Lanifícios de Portalegre, uma das pioneiras unidades fabris, em articulação com a tecelagem doméstica, que emprega parte significativa da população da cidade⁷⁰. Por sua vez, o primitivo colégio de Santa Maria a Grande da Companhia de Jesus daria lugar, em 1678, à casa dos Agostinhos Descalços, a quem D. João V cederia uma parte da muralha para aí construir o novo dormitório⁷¹.

Do final do século XVI e início do XVII, merecem destaque as ermidas da Penha e do Calvário, a primeira na encosta frente ao paço episcopal, relacionada com os eremitas de Santo Agostinho, e a segunda, desafiando a posição do Mosteiro de São Bernardo. Ainda que não esteja fixada a autoria destas obras, é

11 | Portalegre, Corredoura, vendo-se o antigo Colégio de São Sebastião/Real Fábrica de Lanifícios, a Ermida do Calvário e o Mosteiro de São Bernardo, gravura, in J. Cumber, *Views in Spain and Portugal*, 1813-1823.





12 | Portalegre, Cidade Nova: Rossio, Colégio Diocesano de Santo António e Seminário, postal da Edição Gráfica Portalegrense, c. 1955.

evidente a qualidade dos desenhos experimentados, de referente clássico, divulgados pela tratadística⁷²: seja na solução centralizada do Calvário, seja na fachada da Penha que, no cimo do escadório, oculta a invulgar solução de articulação da cabeceira. Estas duas ermidas refletem o investimento e a vontade de atualização de uma cidade que se afirma também pela erudição das pequenas grandes obras de arquitetura, de forte natureza simbólica (fig. 11).

As ermidas em torno da cidade, que no século XVIII eram mais de uma dezena, ocupam pontos-chave da topografia, definindo um aro de proteção espiritual no espaço extramuros. Durante o século XVII, muitas delas foram militarizadas, reforçando a defesa territorial daqueles antigos lugares sacros.

A tradição da cristianização da paisagem manifestou-se também na conturbada história recente, vejam-se a grande cruz erguida na Penha de São Tomé, sinal cristão num momento de forte desenvolvimento industrial da cidade, na dobra do século XX, e o “moderno” seminário e paço episcopal diocesano (1955), projetado pelo arquiteto Vasco Regaleira⁷⁴, pontuado pela alta torre do relógio, expressão da vontade de D. António Ferreira Gomes de restaurar a igreja diocesana, em meados daquele século⁷⁵ (fig. 12). Somam-se-lhes outros edifícios de promoção religiosa, que dinamizam a zona norte da cidade, à semelhança do que virá a acontecer nos Assentos, a sul, com a Igreja e Centro Social de Santo António (2009), obra do arquiteto Carrilho da Graça, onde o programa procura dotar de vida própria o bairro, distante da cidade, que surgira em resposta à forte carência habitacional da década de 1970.

As ruas e as casas

À semelhança de outros núcleos urbanos, na medieval Portalegre⁷⁶, o largo exterior à Porta do Alegrete adivinha-se integrado num circuito que, com os largos

a que se associam as igrejas de São Tiago, da Madalena e de Santa Clara, envolve o castelo num primeiro arco, delimitando uma muralha anterior à reforma de D. Dinis.

No interior deste circuito, a encosta sul da alcáçova urbaniza-se a partir de dois arruamentos principais que subdividem o espaço em áreas relacionadas: à cota baixa, a antiga Rua da Carreira (da Porta do Alegrete e a passar pelo Largo de Santa Maria a Grande); à cota alta, imediatamente abaixo do castelo, a Rua dos Besteiros (com cerca de 90 metros de comprimento, e desenvolvimento em dois tramos).

Sendo um dos deveres do besteiro a prática do tiro de besta, coloca-se a hipótese de a vila lhe reservar um espaço suficientemente desafogado, extramuros, à Porta do Alegrete⁷⁷. Na segunda metade do século XIII, o Convento de São Francisco implanta-se a cerca de 200-220 metros para nascente. A distância é recorrente na definição de áreas públicas *non aedificandi*⁷⁸ em torno de edifícios religiosos e muralhas em estruturas urbanas portuguesas e é indexada à unidade de medida *tiro de besta*⁷⁹. À data, imagina-se este espaço como um palco privilegiado da ação pastoral dos franciscanos e também como lugar da realização de treinos militares; três séculos mais tarde, Sotto Maior designa-o por “corro” e diz ser um espaço de representação da cidade, onde se programa a receção de personalidades tão importantes como Filipe II⁸⁰; até à segunda metade do século XVIII, é sítio de feira em dois dias do ano, festejados com a exposição da relíquia do Santo Lenho⁸¹; e, mais tarde, será espaço de mercado, construído entre 1884 e 1894 (fig. 13).

O prolongamento da Rua da Carreira, até ao alto de Santa Maria do Castelo, constitui um dos eixos fundamentais da urbanização no interior da cintura muralhada da vila. Cerca de 220 metros separam o largo de Santa Maria a Grande do novo centro de Portalegre.

Em 1304, é dada nota das (...) *casas de*, (...) *d’as adegas* (...) e das (...) *tendas* (...) da vila⁸². No interior da muralha existe (...) *plateam recte per feriam* (...) ⁸³,

13 | Portalegre, Corro, vendo-se o beatério, palácios e a Porta do Alegrete, ao fundo, a sé e a Penha, fotografia de autor desconhecido, c. 1916.



que muito provavelmente estará na gênese da sua praça. Documentação posterior dá nota dos (...) *açougues da dicta vila* (...) ⁸⁴, reforçando a componente comercial do dito espaço.

De acordo com o traslado do livro de *Odiana* ⁸⁵, a praça da vila alcança o ano de 1472 com (...) *alpe-mdre* (...) em (...) *pedra e ladrilho* (...) ⁸⁶. Nesse ano, imagina-se que pode vir a ser enobrecida por casas particulares que se (...) *levantam no ar* (...) ⁸⁷ sobre arcos, com boticas do concelho, no piso térreo. Assim Portalegre se renovaria à imagem da capital, conforme descrito no livro, recordando a Rua Nova dos Mercadores ⁸⁸.

Documentação avulsa dá nota, em 1563, da venda de arcos na praça para arranjo da sé ⁸⁹ e, em 1627, da Rua do Arco da Praça ⁹⁰. Em 1546, pontua a praça um pelourinho e, em 1575, há a vontade de nela instalar a (...) *casa da tábola* (...) e a (...) *alfândega de panos* (...) ⁹¹, refletindo a crescente importância da indústria na cidade. Estas instituições avizinham-se da casa da câmara, cuja existência é provada desde o século XIV ⁹², certamente, com fisionomia diferente da atual.

O traçado da malha urbana dentro de muros e num aro a 200-220 metros da muralha evidencia uma geometria complexa, gerada por eixos e pontos notáveis, e potenciada pelas singularidades da topografia e da sua forma em óvulo.

É referência para o traçado da urbanização intramuros um sistema de tridente composto por eixos orientados às portas de Santiago, de Elvas e de Évora, perpendiculares às curvas de nível e convergentes, à cota baixa, no antigo Largo do Pocinho e no caminho da Porta da Devesa. O segmento à Porta de Elvas, que inclui a antiga Rua da Cadeia, vinca a simetria entre os altos contidos pela muralha — da sé e do castelo —, podendo ser lido como a bisetriz do quadrante

definido, naquele ponto notável. O segmento à Porta de Évora, que contém a Rua dos Açougues, é sensivelmente perpendicular à Rua da Carreira e o segmento à Porta de Santiago é paralelo a esta rua.

A malha urbana dos dois sectores deste quadrante distancia-se no seu desenho. No sector entre as portas de Elvas e de Évora diversifica-se com particular requinte no desdobramento da composição em tridente em bifurcação simples que integra espaços de encontro e templos: a Igreja da Misericórdia, a praça e São Lourenço Picoto (desaparecido, onde antes terá estado a sinagoga). Releve-se ainda a Rua Nova, rasgada conforme sugere o nome, na continuidade da Rua da Misericórdia, integrando a composição.

A elevação de Portalegre a diocese e a cidade são pretexto, em meados do século XVI, para o retraçar da urbanização no alto de Santa Maria do Castelo e na sua vertente norte.

14 | Portalegre, Praça da Sé, sé e Paços do Concelho, fotografia de Bartolomeu Guerra Conde, c. 1914, postal.





15 | Portalegre, Rossio, vendo-se a Mouraria, a Igreja de São Lourenço e parte da cidade, fotografia de autor desconhecido, c. 1948.



Do plano faz parte a nova praça, emergindo como uma centralidade⁹³, que articula a sé e os Paços do Concelho, renovados no período filipino. Atente-se à sua fachada, com frontão e rampantes, em contemporâneo diálogo com a sé (fig. 14).

A torre sineira norte da catedral, hoje, tal como outrora com coruchéu revestido a azulejos, remata simultaneamente as ruas da Carreira e da sé, pontuando a inflexão de 90° destes arruamentos que ligam diretamente as portas do Alegrete e da Devesa, respetivamente. Atente-se, também, ao traçado dos arrua-



16 | Portalegre, antiga Rua do Pirão e travessa da Rua Nova, construção arruada, fotografias de Mário Novais, 1944.

mentos a norte da catedral, em particular, ao cruzamento perpendicular da rua e travessa da sé, que fazem dialogar as arquiteturas notáveis nos seus extremos — sé, Igreja da Misericórdia e Palácio Amarelo, junto à antiga Igreja de São Vicente (demolida) —, num sistema onde os desenhos urbano e arquitetónico se relacionam intimamente.

Entre a Porta da Devesa e a Corredoura de Baixo, a 200-220 metros, a partir da qual o princípio do traço urbano muda, a urbanização organiza-se com base em dois raios concorrentes num ângulo agudo, no

ponto celebrado com a plantação do centenário plântano junto de linha de água, ao Rossio, orientados às portas da cidade (fig. 15), entre os quais fica a Igreja de São Lourenço, estranhamente afirmada na vista da cidade do século XVII, à margem da Mouraria⁹⁴.

A Rua da Mouraria sugere uma relação de proporcionalidade entre as dimensões dos arruamentos (15 palmos de largura) e dos quarteirões (70 palmos de profundidade), remetendo para as experiências de vilas de fundação, como Nisa⁹⁵. Esta regularidade seria sublinhada, pela repetição de variações da casa urbana⁹⁶, conforme regista a mesma vista. São ainda reconhecíveis algumas casas com chaminé na fachada, no primeiro piso (fig. 16). Uma análoga regularidade caracteriza também os bairros de casas de meados do século XX, em diferentes pontos da cidade.

Dentro e fora de muros, por entre construção corrente, são vários os edifícios que, independentemente da sua tipologia, se intuem especialmente qualificados, a remeter para um gosto pela construção erudita de inegável referente clássico. Atente-se nas fachadas, por um lado à disposição dos vãos, marcação de entradas e aplicação de elementos como entablamentos e frontões alternados; por outro, a uma certa sobriedade e depuramento do risco das cantarias de pedra e/ou do trabalho de imitação da sua tonalidade, textura e juntas, com argamassas de cal⁹⁷. Quanto à paleta de cores, reconhece-se o atual domínio das fachadas caiadas de cor clara ainda que, trabalhos de manutenção revelem superfícies outrora de cor escura, variando entre ocres e vermelhos⁹⁸, em contraste com os elementos de cantaria. As cores e os tons da cidade seriam outros, afastando-se do tradicional Alentejo, branco e amarelo, tão publicitado.

Integram-se neste conjunto os muitos palácios renovados a partir do século XVIII, dentro e fora de muros, fruto da encomenda das nobres famílias, que então viam as suas histórias reunidas n' *O Livro Genealógico das Famílias desta Cidade de Portalegre* (1740)⁹⁹. Em *A Casa Portuguesa* (1929), Raúl Lino recorrerá a alguns deles para ilustrar as transformações de que aqui se dá nota¹⁰⁰.

Estes palácios, à semelhança do acontecia com as melhores casas do século XVI, prolongam-se ao exterior, em jardins elevados, por vezes, contra a rua, aproveitando o espaço da antiga barbacã e baluartes e as velhas torres como miradouros. Os jardins são dotados de poços, tanques, fontes de espaldar, latadas e plantações designadamente de espinho¹⁰¹ (fig. 17).

*

A análise da estrutura formal de Portalegre dá-nos a impressão de que se nela existe algo de permanente, para além de qualquer vicissitude ou transformação, é o seu forte vínculo à serra e o exponenciar das suas naturais condições de abrigo (físico/emocional) por práticas de determinada erudição, ainda que estes vínculos passem por pontuais momentos de obscurecimento e esquecimento no tempo da longa duração.

Prova-o o século XX, que prolonga o traço instruído de Portalegre, do seu sistema defensivo e da sua malha urbana, através de vários Projetos de Urbanização/Planos Urbanos — como o dos arquitetos Faria da Costa e Miguel Jacobetty (1939-1944) e o dos arquitetos Gonçalo Byrne, João Paciência e Carrilho da Graça com os paisagistas Francisco Caldeira Cabral e Elias Gonçalves (1979-1986) —, que desenham ou redesenham o território com base na sua decifração, procurando, a partir dos seus fragmentos, fazer decorrer a sua reestruturação.

Através destes planos, Portalegre promove a atualização contemporânea das circunstâncias que determinam a sua atmosfera alegre. Toma como importante tópico o renovar da relação da cidade com a sua estrutura defensiva e redesenha-a como ponto forte do espaço público enquanto lugar privilegiado entre a natureza e a cidade. Equaciona a revitalização do seu centro, com ruas, largos e praças, e do património religioso e civil, designadamente pela reconversão de antigos templos, fábricas e palácios, ao mesmo tempo que novas arquiteturas, de referência, continuam a procurar garantir a proteção física e espiritual dos seus habitantes. Promove a permeabilidade ao ar e à luz da cidade, por um lado, salvaguardando a circunstância dos jardins privados das melhores casas, a manutenção livre dos espaços públicos resultantes de demolições, a atualização dos grandes jardins públicos nos antigos Rossio de Dentro e Rossio de Fora, e, por outro, desenhando como jardins, a partir de diferentes modelos urbanos internacionalmente experimentados, as novas extensões da cidade. Eminente permanece explorar as qualidades naturais da serra como catalisadoras da sua transformação urbana.

Portalegre é uma (...) *bela varanda, naquela bela janela* (...) ¹⁰², de que vêem o mundo todos aqueles que o descortinam — assim, continuamos a aprender com Fernando Távora.

Silvia Ramos

Arquiteta

Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo
Faculdade de Arquitetura da /— Universidade
do Porto

João Luís Marques

Arquiteto

Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo
Faculdade de Arquitetura da— Universidade
do Porto

Centro de Estudos de História Religiosa —
Universidade Católica Portuguesa

Imagens: 1 e 13: coleção particular de Aurélio Bentes Bravo; 2 e 9: Instituto de Historia y Cultura Militar/Archivo General Militar de Madrid; 3: Câmara Municipal de Portalegre (CMP)/ Casa-Museu José Régio; 4 e 15: Arquivo Histórico da Força Aérea; 5: Museo Galileo — Istituto e Museo di Storia della Scienza; 6, 8 e 14: coleção particular; 7 e 12: CMP; 10: coleção particular de António Ramires; 11: Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB)/ Biblioteca Nacional de Portugal; 16: Fundação Calouste Gulbenkian/Biblioteca de Arte; 17: DGLB/Arquiteto Distrital de Portalegre



17 | Planta da Cidade de Portalegre, planta desenhada por António Bacha e Mello, 1929.

NOTAS

Os autores agradecem a António Camões Gouveia, a António Ramires, a Aurélio Bentes Bravo, à Câmara Municipal de Portalegre (Ana Santos, João Nuno Cardoso, Sónia Alves), à Diocese de Portalegre-Castelo Branco (Bonifácio Bernardo, Diogo Gaspar), à Santa Casa da Misericórdia de Portalegre, a Luís Calado, a Marta Oliveira, e a outros investigadores, aos proprietários das casas visitadas e aos arquivos e bibliotecas consultados.

- ¹ Dos estudos dedicados a Portalegre relevamos os promovidos pela revista *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre* e a síntese, pela cobertura temporal e leitura da transformação urbana, de Jorge RODRIGUES; Paulo PEREIRA — *Portalegre*. Lisboa: Editorial Presença, 1988 (*Cidades e Vilas de Portugal*).
- ² Do álbum *TYPUS Provinciae* (...) foi publicado anteriormente: a vista de Lamego em Marta OLIVEIRA; João Luís MARQUES — “Lamego, memória(s) da cidade”, *Monumentos*. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural, 2021, n.º 38, pp. 6-25 (p. 10, fig. 5). Sobre a vista de Portalegre: Ruy VENTURA — “Portalegre, capital espiritual do mais alto Alentejo”. In Laura ROMÃO; Sónia ALVES (coord.) — *Catálogo do Museu Municipal de Portalegre*. Portalegre: Câmara Municipal de Portalegre, 2021, pp. 33-39, e, nesta mesma edição, Rafael MOREIRA — “A sombra de Duarte de Armas: O Mapa de Portugal do padre Johann Koenig (João dos Reis) S. J., 1685-1690”, pp. Somam-se ainda contributos publicados sobre as vistas de Santarém (2020), Guarda (2015) e Braga (1994).
- ³ Verso de José Régio inscrito em tapeçaria de Portalegre (1952), assinada por João Tavares.
- ⁴ A primeira edição data de 1589. Trata-se de uma obra maior da História da Literatura Portuguesa, do Renascimento e do Humanismo, revista e acrescentada pelo autor, em 1604. Esta edição introduz o capítulo VIII “Da serra, & cidade de Portalegre, município do antigo Latio”, em que aborda as questões do território e da cidade.
- ⁵ Amador de ARRAIS — *Diálogos de Dom Frei Amador de Arrais, Bispo de Portalegre*. Coimbra: Oficina de Diogo Gomes Loureiro, 1604, p. 112.
- ⁶ Diogo Sotto MAIOR — *Tratado da Cidade de Portalegre* [1619]. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 57.
- ⁷ Joaquim Pedro Fragoso de SEQUEIRA — “Acerca da cultura, e utilidade dos castanheiros na comarca de Portalegre”. *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1790, t. II, pp. 295-382.
- ⁸ Conjunto de seis desenhos existentes no Instituto de História y Cultura Militar/ Archivo General Militar de Madrid.
- ⁹ Mário VIANA — “Notas sobre a organização paroquial e a toponímia de Portalegre em 1304”. *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*. Portalegre: Atelier de Artes Plásticas, 1991, n.º 6, pp. 67-73.
- ¹⁰ Diogo Sotto MAIOR — Ob. cit., p. 47.
- ¹¹ Rodrigo MÉNDEZ SYLVA — *Poblacion General de España* (...). Madrid: 1675, p. 120v. Nesta descrição são referidos nove canos, que a julgar pela fonte filipina de Portalegre (1623), hoje no jardim Visconde da Luz, em Cascais, serão oito, alinhados com os lados do octógono.
- ¹² Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Real Fábrica de Lanifícios de Portalegre, *Mapa das nascentes das águas e serras*, [c.1772]. Real Fábrica das Sedas, mç. 1, doc. 1.
- ¹³ Instituto de História y Cultura Militar, Archivo General Militar de Madrid, Felipe MONTES; et al., *Plano de la Ciudad é inmediaciones de Portalegre*, 1801.
- ¹⁴ *Portalegre 1888. As Fotografias de Patino Perez*. Portalegre: Fundação Robinson, 2007 (*Publicações da Fundação Robinson*; 13); António VENTURA; Aurélio Bentes BRAVO — *Postal Ilustrado de Portalegre, no primeiro quartel do século XX*. Portalegre: Câmara Municipal de Portalegre, 2005.
- ¹⁵ Cf. Fernando CARITA — *Portalegre: a Cidade e a sua Toponímia*. Portalegre: Edições Colibri; Câmara Municipal de Portalegre, 2003.
- ¹⁶ DGLAB, Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), Biblioteca Nacional Digital, *[Praças fortes em Portugal]*, c.1680-90, E.A.214P.
- ¹⁷ Cf. Jorge CUSTÓDIO — “A Real Fábrica de Lanifícios de Portalegre. Algumas achegas iconográficas e documentais”. *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, 1992, n.º 7, pp. 283-334.
- ¹⁸ DGLAB, ANTT, Real Fábrica de Lanifícios de Portalegre, *Mapa Parcial da Serra de Porto alegre que contém o Rossio de Fora e a casa da Fábrica*, 1772. Real Fábrica das Sedas, mç. 1, doc. 7.
- ¹⁹ Aurélio Bentes BRAVO — “Efemérides Portalegrenses, 30 junho”. Publicação digital do autor, 2021.
- ²⁰ Cf. Margarida Souza LÔBO — *Planos de Urbanização. A Época de Duarte Pacheco*. Porto: Edições FAUP, 1995, pp. 163-165.
- ²¹ A título de exemplo, elencam-se: Câmara Municipal de Portalegre, Alfredo Moreira da SILVA, *Projeto do Jardim do Rossio*, 1930; Câmara Municipal de Portalegre, António Cruz HOMEEM, *Ante-projeto do Jardim Público de Portalegre*, 1957; Fundação Calouste Gulbenkian, Albano Castelo BRANCO, *Ajardinamento da avenida da Liberdade, Portalegre*, [c.1960].
- ²² Cf. Jorge de OLIVEIRA — “Relatório. Trabalhos arqueológicos na Fonte e Tanque do Rossio de S. Brás — Évora”. *O Aqueduto da Água da Prata e o Património Hidráulico de Évora*. Évora: Câmara Municipal, 2019, pp. 33-44.
- ²³ Esta pintura foi reproduzida, parcialmente, por João Tavares, na tapeçaria *Portalegre* (1952), exposta no Museu das Tapeçarias de Portalegre Guy Fino.

- ²⁴ (...) *Tem este arrebalde um Rissio que se chama do Espírito Santo, muito espaçoso e alegre, onde os moradores da terra vão aparecer as tardes do Verão. Nele correm cavalos, e jogam canas e fazem outras muitas festas* (...). Diogo Sotto MAIOR — Ob. cit., p.53.
- ²⁵ Ruy VENTURA — “As Memórias Paroquiais de 1758 do atual concelho de Portalegre”. *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, 1995, n.º 10, p. 128.
- ²⁶ Amador de ARRAIS — Ob. cit., p. 112.
- ²⁷ Gervasio LOBATO — “Oito dias no Alentejo”. *O Occidente*, 1892, n.º 487, pp.147-149; n.º 488, pp.139-140; n.º 489, pp. 164, 169, 166-167; n.º 490, pp.173-174; n.º 491, pp.179-182; n.º 492, p.191.
- ²⁸ Cf. António VENTURA — *Cem Anos de Turismo em Portalegre*. Portalegre: Fundação Robinson, 2009 (*Publicações da Fundação Robinson*; 14).
- ²⁹ Cf. Walter ROSSA; Margarida Tavares da CONCEIÇÃO; Luísa TRINDADE — “Raia e cidade”. *Monumentos. Dossiê: Elvas, Cidade e Envolvente*. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2008, n.º 28, pp. 6-21.
- ³⁰ Cf. [“Descripción Militar de la Ciudad de Portalegre y sus Inmediaciones”] Apud António VENTURA — “Alguns documentos do serviço histórico militar de Madrid referentes à comarca de Portalegre (1801)”. *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, 1993, n.º 8, pp. 271-273.
- ³¹ Cf. DGLAB, BNP, Nicolas de Fer e Filippo Pallota, *Corografia perteneciente alas dos Provincias de la Vieira y del Alentejo de Portugal* (...), c. 1700-1721. Esta carta associa-se à de *Portalegre sitiada e rendida* (...), da mesma série de gravuras.
- ³² Mário VIANA — “Notas sobre a organização paroquial e a toponímia de Portalegre em 1304”. *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, pp. 72-73.
- ³³ Mário Jorge BARROCA — “D. Dinis e a arquitetura militar portuguesa”. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1998, II série, vol. XV, t. I, pp. 801-822.
- ³⁴ Cf. Domingos BUCHO — *Herança Cultural e Práticas de Restauro Arquitetónico em Portugal durante o Estado Novo*. Évora: s. n., 2000, pp. 596-606. Dissertação de doutoramento em Conservação do Património Arquitetónico apresentada à Universidade de Évora, texto policopiado.
- ³⁵ Jorge CARDOSO — *Agiologio Lusitano* (...). Lisboa: 1652, t. I, p. 428. Será de notar que em 1675 são referenciadas doze torres e oito portas da muralha. Rodrigo MÉNDEZ SILVA — Ob. cit. p. 120v.
- ³⁶ Laura ROMÃO; Sónia ALVES (coord.) — *Catálogo do Museu Municipal de Portalegre*. Portalegre: Câmara Municipal de Portalegre, 2021, p. 28.
- ³⁷ [Carta de 21 de setembro de 1661] Apud. Laranjo COELHO — *Cartas dos Governadores da Província do Alentejo a El-Rei D. Afonso VI*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1940, vol. III, pp. 214-215.
- ³⁸ [Consulta do Conselho de Guerra, 4 de setembro de 1663] in Sousa VITERBO — *Dicionário Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1899, vol. II, pp. 272-273.
- ³⁹ Ibero-Amerikanisches Institut Berlin, Lorenzo POSSI, *Porto Alegre*, 1668, Port-al-da-2; Museu Galileo, Lorenzo POSSI, “Portallegrò”. *Piante d’Estremadura, e di Catalogna*, 1687. Cf. Carlos SÁNCHEZ RUBIO; Rocío SÁNCHEZ RUBIO; Isabel TESTÓN NÚÑEZ — *El Atlas Medici de Lorenzo Possi 1687*. Badajoz: 4 Gatos, 2014.
- ⁴⁰ Bibliothèque Nationale de France, Filippo PALLOTTA, Nicolás de FER, *Portalegre sitiada e rendida* (...) em 1704, c. 1715.
- ⁴¹ DGLAB, BNP, Biblioteca Nacional Digital, *[Praças fortes em Portugal]*, c.1680-1690.
- ⁴² DGLAB, BNP, Carel ALLARD, *Portugalliae meridionales plagae: Geo-Hydrographice descripttiae*, [170-], C.C. 1385 A.; Universidade de Coimbra, Biblioteca do Fundo Antigo, Jacques CHIQUET — *Le Royaume de Portugal et partie d’Espagne*, 1704.
- ⁴³ Investigada primeiramente, com reconstituição da malha antiga, por Francisco de Lacerda MACHADO — “A cidade antiga de Portalegre”. *Ilustração Portuguesa*, n.º 515, 1916, p. 31.
- ⁴⁴ DGLAB, ADP, “Prazo feito ao Padre Tomás de umas casas à Boavista”, 1646, MSBP, cx. 16, mç. 174, 1177.
- ⁴⁵ António VENTURA — “Alguns documentos do serviço histórico militar de Madrid referentes à comarca de Portalegre”. *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, 1993, n.º 8, pp. 265-285; Instituto de História y Cultura Militar, Archivo General Militar de Madrid, Antonio Bentura BOCASSO (?), *Plano Croquis de la Ciudad de Portalegre*, 1801.
- ⁴⁶ Felipe MONTES; et al. — Ob. cit.
- ⁴⁷ DGLAB, Arquivo Distrital de Portalegre (ADP), António Bacha e MELLO, *Planta da cidade de Portalegre*, 1929.
- ⁴⁸ Mário VIANA — “Notas sobre a organização paroquial e a toponímia de Portalegre em 1304”. *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, 1991, n.º 6, pp. 67-73.
- ⁴⁹ Maria José Ferro TAVARES — “Judeus e cristãos-novos no distrito de Portalegre”. *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, 1989, n.º 3, pp. 37-53.
- ⁵⁰ Maria Filomena Lopes de BARROS — *Tempos e Espaços de Mouros. A Minoria Muçulmana no Reino Português (séculos XII e XV)*. Évora: s. n., 2004, p. 42. Dissertação de doutoramento em História apresentada à Universidade de Évora, texto policopiado.
- ⁵¹ Cf. Nuno SENOS — *A Igreja do Convento de São Francisco de Portalegre: História de um Edifício*. Portalegre: Fundação Robinson, 2008, (*Publicações da Fundação Robinson*; 6), pp. 18-37.
- ⁵² Laura ROMÃO; Sónia ALVES (coord.) — *Catálogo do Museu Municipal de Portalegre*, p. 27.
- ⁵³ Diogo Sotto MAIOR — Ob. cit., p. 53.
- ⁵⁴ Cf. António VENTURA — *Para uma cronologia da Fábrica Robinson*. Portalegre: Fundação Robinson, 2007 (*Publicações da Fundação Robinson*; 0), pp. 8-23.

- ⁵⁵ Cf. Rita Mendonça LEITE — “Representações do protestantismo na sociedade portuguesa contemporânea da exclusão à liberdade de culto (1852-1911)”. *Estudos de História Religiosa*. Lisboa: UCP, 2009, n.º 6.
- ⁵⁶ Cf. Maria Filomena ANDRADE — *In obodientia, sine Próprio, et in castitate, sub Clausura a Ordem de Santa Clara em Portugal (sécs. XIII-XIV)*. Lisboa: s. n., 2011. Dissertação de doutoramento em História Medieval apresentado à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, texto policopiado.
- ⁵⁷ Cf. Catarina Almeida MARADO — *Arquitetura Conventual e Cidade Medieval: a Formação e os Impactos dos Sistemas Urbanísticos Mendicantes em Portugal (séculos XIII-XV)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.
- ⁵⁸ [Doação de 1385] Apud. João Luís FONTES — *Génese e Institucionalização de uma Experiência Eremitica. Da ‘Pobre Vida’ à Congregação da Serra de Ossa (1366-1510)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2021.
- ⁵⁹ [Instruções dadas ao coadjutor de Bergamo, núncio em Portugal no tempo de D. João III]. Apud. “Archeologia Portuguesa”. *O Panorama*. Lisboa: Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 3.ª série, vol. I, 2 out. 1852, p. 315.
- ⁶⁰ Diogo Sotto MAIOR — Ob. cit., p. 112.
- ⁶¹ *Idem*, *ibidem*, p. 113.
- ⁶² Cf. Francisco LAMEIRA — *Retábulos no Mundo Português*. Faro: Edições UAlg, 2020, pp. 40-41.
- ⁶³ Cf. Manuel Inácio PESTANA — *Santa Casa da Misericórdia de Portalegre: Subsídios Documentais Para a sua História*. Lisboa: Edições Colibri, 2001. José Pedro PAIVA (coord.) — *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*. Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 2002.
- ⁶⁴ Comparem-se as gravuras publicadas no *Archivo Pittoresco*, 1862, t. V, n.º 9, pp. 65-66 (por Nogueira da Silva) e em *O Occidente*, 1892 n.º 487 pp. 43-45 (baseada na fotografia de Paino Perez).
- ⁶⁵ Cf. Paulo Varela GOMES — *O Sistema de Coros nas Sés Portuguesas dos Séculos XV e XVI*. Coimbra: s. n., 2012. Lição da Prova de Agregação apresentada à Universidade de Coimbra, texto policopiado; Cátia SANTOS — *As Sés Joaninas. Arquitetura Episcopal Portuguesa na Segunda Metade do século XVI*. Coimbra: s. n., 2009. Dissertação de mestrado integrado em Arquitetura apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, texto policopiado.
- ⁶⁶ Diogo Sotto MAIOR — Ob. cit., p. 62.
- ⁶⁷ Cf. José Dias Heitor PATRÃO — *Portalegre: Fundação da Cidade e do Bispado. Levantamento e Progresso da Catedral*. Portalegre: Edições Colibri, 2002.
- ⁶⁸ Cf. António Camões GOUVEIA — “O bispo do tratado da cidade de Portalegre do padre Diogo Pereira de Sotto Maior”. *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, 1989, n.º 3, pp. 55-70.
- ⁶⁹ Cf. Inês Gato de PINHO — “‘Genius loci’ vs. modo nostro: a influência do espírito do lugar na fundação dos colégios jesuítas da província lusitana. O caso do colégio de Portalegre”. *Genius Loci: Lugares e Significados*. Porto: CITCEM, 2017, vol. 1, pp. 163-174.
- ⁷⁰ Ana Cardoso de MATOS — “A indústria dos lanifícios no Alentejo (finais do século XVIII a finais do século XIX)”. *Ler História*. Lisboa: ISCTE, 2001, n.º 40, pp. 95-125.
- ⁷¹ DGLAB, ADP, “Construção do dormitório novo”, 1720, CVSCPTG, cx. 01, mç. 01, doc. 60.7.
- ⁷² Ruy VENTURA — “Portalegre, capital espiritual do mais alto Alentejo”. In Laura ROMÃO; Sónia ALVES (coord.) — *Catálogo do Museu Municipal de Portalegre*. Portalegre: Câmara Municipal de Portalegre, 2021, pp. 33-39.
- ⁷³ Aurélio Bentes BRAVO — “Efemérides Portalegrenses, 12 maio”. Publicação digital do autor, 2021.
- ⁷⁴ Cf. João Luís MARQUES — *A Igreja na Cidade, Serviço e Acolhimento, Arquitetura Portuguesa 1950-1975*. Porto: s. n., 2017. Dissertação de doutoramento em Arquitetura apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, texto policopiado.
- ⁷⁵ Cf. Bernardo BONIFÁCIO — *Seminário Maior de Portalegre. Milagre da província*. Portalegre: Ed. autor, 2019, pp. 82-93.
- ⁷⁶ Cf. Domingos BUCHO — “Portalegre medieval: subsídios para a sua leitura urbanística”. *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, 1993, n.º 10, pp. 189-220; Câmara Municipal de Portalegre, *Cidade Utopica, Desenho Urbano e Arquitetura, Plano de Pormenor de Salvaguarda e Valorização do Núcleo Histórico de Portalegre e envolvente*, 1999.
- ⁷⁷ Em Portalegre, o topónimo Besteiros está documentado em 1304 e 1365, relevando a sua importância no reinado de D. Dinis. Cf. Miguel Gomes MARTINS — *A Arte da Guerra em Portugal, 1245 a 1367*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, p. 149.
- ⁷⁸ (...) [Área non aedificandi] constitui a par com a formação de construção arruada ao longo das vias de acesso ao burgo, um dos nós temáticos da intervenção de ordenamento urbano característica do princípio da expansão urbana fora de muros. Marta OLIVEIRA; et al. — “O Campo Novo de Braga: o plano, a praça e a capela”. *Praças Reais. Passado, Presente e Futuro*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008, p. 272.
- ⁷⁹ Cf. Sílvia RAMOS — *Ideias, Planos e Projetos Urbanos. Cordoaria, Porto*. Porto: s. n., 2008, pp. 32-33, prova final da licenciatura em Arquitetura apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, texto policopiado; Maria Teresa RIBEIRO — *Espaços Contíguos à Muralha de Guimarães: Largo do Toural, Largo 25 de Abril, Alameda de São Dâmaso*. Porto: s. n., 2007, p. 58, prova final da licenciatura em Arquitetura apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, texto policopiado.
- ⁸⁰ Diogo Sotto MAIOR — Ob. cit., p. 53.
- ⁸¹ Ruy VENTURA — Ob. cit., p. 126.
- ⁸² Mário VIANA — “Notas sobre a organização paroquial e a toponímia de Portalegre em 1304”. *A Cidade: Revista Cultural de Portalegre*, 1991, n.º 6, pp. 72-73.
- ⁸³ *Idem*, *ibidem*, p. 70.
- ⁸⁴ [15 julho 1421: Carta de el-rei D. João I, a doar (...) um pardieiro régio, sito junto do mercado da vila de Portalegre] Apud. *Monumenta Henricina*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1960, vol. I, p. 22.
- ⁸⁵ DGLAB, ANTT, *Leitura Nova, Livro 6, Odiana*, pp. 45-45v.
- ⁸⁶ [Aforamento do aar de hum pedaço de alpendre da praça da villa de Portalegre...] Apud. Daniela Nunes PEREIRA — “A arquitetura comercial (séc.s XV-XVI): o alpendre de Loulé”. In Nelson VAQUINHAS (coord.) — *Atas do IV Encontro de História de Loulé*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé, Arquivo Municipal, 2021, p. 221.
- ⁸⁷ *Idem*, *ibidem*, p. 221.
- ⁸⁸ Luísa TRINDADE — “Casas sobre arcos. Arquiteturas em espaços de vocação comercial na cidade tardo-medieval portuguesa”. In Manuel Joaquim Moreira da ROCHA (coord.) — *A Rua na Estrutura Urbana. Breves Reflexões*. Porto: CITCEM, 2021, p. 56.
- ⁸⁹ [Autos de adjudicação (...)] Apud. José Dias Heitor PATRÃO — Ob. cit. p. 58.
- ⁹⁰ DGLAB, ADP, *Carta do Padre Manuel Nogueira*, 1627, MSBP, cx. 18, mç. 220, 1422.
- ⁹¹ DGLAB, ADP, “Arrematação das casas que foram de Turíbio Lopes”, 1546, MSBP, cx. 16, mç. 179, 1210; “Provisão”, 1575, MSBP, cx. 16, mç. 179, 1218.
- ⁹² Carlos CAETANO — *As Casas da Câmara dos Concelhos Portugueses e a Monumentalização do Poder Local (séculos XIV a XVIII)*. Lisboa: s. n., 2011. Dissertação de doutoramento em História da Arte Moderna apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p. 106.
- ⁹³ Cf. Luísa TRINDADE — *Urbanismo na Composição de Portugal*. Coimbra: s. n., 2009, pp. 687-721. Dissertação de doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, texto policopiado.
- ⁹⁴ Cf. [Vista de Portalegre], em Ruy VENTURA — “Da Capela do Calvário (1598) ao ‘Senhor da Paciência’: 150 anos de arte sacra em Portalegre, p.??, fig. 1, na presente publicação.
- ⁹⁵ Cf. Luísa TRINDADE — Ob. cit., pp. 421-443.
- ⁹⁶ Cf. Ana Costa ROSADO — “A casa urbana tradicional no Alentejo. Tipos, evolução e materialidade”. *Kairós: Revista de Filosofia e Ciência*, 2019, n.º 4.
- ⁹⁷ Cf. Joaquim Inácio CAETANO — “400 anos a fingir os acabamentos nas paredes dos edifícios dos séculos XV e XVI”. *Artis - Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, 2006, n.º 5, pp. 125-144.
- ⁹⁸ Cf. José AGUIAR; et al. — “Caições a cores no Alentejo (parte 1): Identificação dos pigmentos e análise estratigráfica (em 2004-2006)”. *Conservar Património*, 2009, n.º 10, pp. 19-38.
- ⁹⁹ Cf. Diogo GASPARG; Nuno MORAIS — “Casas nobres de Portalegre”. Manuel da Costa Juzarte de BRITO (coord.) — *Livro Genealógico das Famílias desta Cidade de Portalegre [1740]*. Lisboa: [s. n.], 2002, pp. 909-944.
- ¹⁰⁰ Raúl LINO — “A casa portuguesa”. *Portugal. Exposição Portuguesa em Sevilha*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1929, pp. 48-50. Acompanha o texto uma curiosa fotografia da coexistência de uma janela de canto renascentista (hoje no museu municipal) com uma janela barroca na mesma fachada, existentes no lugar onde, na década de 1940, foi construída a Caixa Geral de Depósitos. Lê-se, ainda (...) *O novo espírito barroco manifesta-se principalmente na mudança do emolduramento dos vãos, que adquirem vergas e ombreiras de variado feitio, rico (...). Depois da caição vermelha mais antiga, aparece a par do branco toda a gama dos amarelos (...)*.
- ¹⁰¹ Vejam-se os jardins elevados intramuros do Palácio Barahona, da Casa dos Tavares Falcão e da Casa dos Condes de Melo/casa das janelas manuelinas D. Nuno de Sousa, representado em 1929 e desaparecido para dar lugar ao Café Alentejano (1936). Aproveitam estruturas defensivas os jardins do paço episcopal (existente no século XVI), do Palácio Amarelo, da Casa dos Caldeira Castel Branco e da Casa à Porta da Devesa (conserva janelas e arcada renascentistas). Ao corro, existiram os grandes jardins do Palácio dos Condes de Avilvel e do Palácio dos Accioli, hoje transformados.
- ¹⁰² José RÉGIO — “Toada de Portalegre”. *Fado*. Coimbra: Arménio Amado, 1941, p. 102.